

“Vou buscar ali, ali acima!” A multimodalidade da deixis no português europeu

Isabel Galhano-Rodrigues

igalhano@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

RESUMO: Com base num estudo de caso, explora-se a deixis multimodal - a deixis composta por gesto e fala - no português europeu. Serão identificadas várias formas de gestos de apontar e, em seguida, correlacionadas com a fala simultânea. Dar-se-á conta dos diferentes tipos de deixis e das referências estabelecidas pelos elementos deícticos. Na descrição das modalidades que desempenham a função de “apontar para”, considerar-se-ão aspetos cotextuais e contextuais: a relevância de indicar um objeto, lugar, espaço, pessoa ou uma ideia abstrata; a necessidade de precisão no apontar; as expectativas do falante relativamente ao conhecimento do ouvinte sobre os referentes.

PALAVRAS-CHAVE: deixis multimodal; gestos de apontar; gestos coverbais; multimodalidade na interação face a face.

ABSTRACT: Based on a case study, this article explores multimodal deixis - the ensemble gesture-speech deixis - in European Portuguese. Various forms of pointing gestures will be identified and correlated to simultaneous speech, giving account of the different types of deixis and of the kind of reference established by deictic elements. In the description of the modalities which assume the function of “pointing at”, the following co-textual and contextual aspects were considered: the relevance of indicating an object, a place, a space, a person or an abstract idea; the need for precision in pointing; speakers’ expectations regarding hearers’ knowledge about the referents.

KEYWORDS: multimodal deixis; pointing gestures; co-speech gestures; multimodality in face-to-face interaction.

1. Introdução

Já no século XIX e início do século XX vários etnólogos portugueses chamaram a atenção para a importância da “linguagem dos gestos”. Um exemplo é Leite de Vasconcellos (1886) que, em poucas linhas, não só dá conta das funções geralmente atribuídas a estes movimentos do corpo, mas

também se refere a diferenças individuais e culturais na gesticulação, assim como à atitude de preconceito relativamente a quem gesticula muito:

Os gestos¹ teem uma grande importância para auxiliar e de algum modo completar a linguagem oral; eu creio que elles coexistirão sempre com ella. Seria interessante fazer uma classificação dos gestos; isso porém não é trabalho para aqui. Elles umas vezes traduzem exactamente os movimentos, como num caso de arremesso, de defeza, etc.; outras vezes não, como quando um individuo, que falla de cousas mais ou menos vagas e insignificantes, começa a traçar com a mão círculos no ar, ou outro, que se apoquenta, começa a produzir estalidos com o pollegar e o dedo maximo. Tanto o gesto serve para acompanhar a falla, que não só muitas vezes elle vae adiante a provocá-la, como a acompanha á maneira de um compasso, e então serve de accentuar mais o que se diz. Ha individuos que gesticulão mais do que outros: parece que os mais refletidos gesticulão em geral menos. A respeito dos povos dão-se variedades interessantes.

Vasconcellos (1886: 97-98)

Não foi dada grande continuidade a esta perspectiva etnográfica de abordagem dos gestos no sentido de um estudo sistemático, conforme sugere o autor, na terceira linha do texto acima transcrito. Não deixaram no entanto de ser considerados mais tarde, por Herculano de Carvalho, que reconhece a importância destes movimentos do corpo e os descreve do seguinte modo:

de todas as formas [da linguagem não verbal] sumariamente enumeradas, a mais importante de todas, quer pela sua universalidade, quer pela frequência do seu uso, é indubitavelmente aquela que é constituída por movimentos e atitudes do corpo, e particularmente das mãos e da cabeça, a que damos o nome de gestos.

Carvalho (1983: 64)

Na verdade, é consensual, sobretudo para aqueles que se ocupam da língua falada, que a transmissão oral de uma mensagem se processa por palavras (o que é dito), acompanhadas pela produção de variações prosódicas e de movimentos do corpo (o modo como isso é dito). Podemos

¹ Leite de Vasconcellos (1886) e Herculano de Carvalho (1983) usam o termo "gesto" para referir não só os movimentos dos braços e mãos, mas também os movimentos de outras partes do corpo. Em Galhano-Rodrigues (2007), o termo "gesto" é usado para referir apenas os movimentos dos membros superiores. É neste mesmo sentido que o termo será usado neste trabalho.

até afirmar que todo o corpo do falante/ouvinte está envolvido, mais ou menos explicitamente, no processo de comunicação oral. Carvalho distingue ainda duas categorias na chamada "linguagem dos gestos":

Temos primeiramente a categoria constituída pelos gestos que acompanham a exteriorização falada ou verbal e só ocasionalmente a substituem; e, por outro lado, formando a segunda categoria, os sistemas de gestos que suprem de modo permanente, ou pelo menos continuado, a manifestação linguística que poderemos chamar normal, isto é, a manifestação vocal.

Carvalho (1983: 65)

A língua gestual (dos surdos) pertenceria ao segundo grupo (Carvalho 1983: 67 segs.). Do primeiro, fazem parte os movimentos cuja função essencial, à semelhança do que foi descrito por Vasconcellos (1886: 97-98), Carvalho descreve como sendo "a de reforçar ou acentuar ou, por vezes ainda, completar [...] a manifestação verbal (Carvalho 1983: 65).

Resumindo, através da fala (dos elementos linguísticos com as suas características prosódicas), das posturas e dos movimentos de várias partes do corpo - como a cabeça, torso, braços e mãos, pernas e pés, expressões faciais e olhar - o falante transmite, mais ou menos conscientemente, as informações que pretende dar a conhecer ao ouvinte. Mas, à semelhança do uso da língua, os movimentos do corpo revelam ainda outros aspetos: por um lado, a um plano etnográfico, tendências e hábitos de gesticular ou posturais culturalmente marcados - como diz Vasconcellos, "A respeito dos povos dão-se variedades interessantes" (Vasconcellos 1886: 98); por outro lado, num plano cognitivo, dão informações sobre perceções e interpretações do mundo circundante. De tal modo que se pode até afirmar que o ser humano incorpora, ou, melhor, "encorpora"² as suas experiências no mundo; "encorpora" dimensões como o espaço, o tempo e as relações interpessoais (cf. Kinsbourne 2006). Acontece que, conforme os movimentos do corpo que um indivíduo faz quando define espaços, para se referir a conceitos abstratos, descrever objetos ou para estruturar o seu discurso, além

² Com "encorporar" pretende-se salientar que, com o processo de enculturação, também se dá um processo de "encorporação". Isto é, na interação com o mundo envolvente, um indivíduo vai-se "formatando" e moldando mental e fisicamente, vai habituando o seu corpo a determinados tipos de movimentos, condicionados pelas características do ambiente, regras (sociais) de ostentação e rotinas culturais.

de mostrar (inconscientemente) a sua subjetividade relativamente ao que está a dizer, fornece pistas sobre o modo como conceptualiza certas dimensões. Veja-se o caso dos Aymara, descritos por Núñez e Sweetser (2006), que conceptualizam o passado como estando situado à sua frente e o futuro atrás.

A perspetiva da estreita ligação entre a fala e o gesto está generalizada no âmbito da área dos Estudos do Gesto (*Gesture Studies*). Os conceitos de "growth point" de McNeill (1992), o ponto de geração (cf. Galhano-Rodrigues 2007: 127), definido como "the speaker's minimal idea unit that can develop into a full utterance together with gesture" (McNeill 1992: 220) e o de "gesture-speech-ensemble", termo recentemente introduzido por Kendon (2004) mostram este ponto de vista. Defende-se assim um afastamento da dicotomia comunicação verbal vs. comunicação não-verbal sugerida por Watzlavick, Veavin-Bavelas & Jackson (1967), de acordo com a qual é a parte verbal da mensagem que transmite o conteúdo, sendo a parte não-verbal responsável pela transmissão de informações sobre aspetos emocionais e sociais. Embora muito ligados ao uso da língua, os gestos não foram considerados suficientemente não-verbais para serem estudados no âmbito da investigação da comunicação não-verbal (sobre esta polémica cf. Butterworth & Hadar 1989; Fyereisen 1987; McNeill 1985, 1987). Note-se ainda que uma das consequências da orientação dos estudos sobre a comunicação não-verbal é a falta de investigação sobre a integração dos gestos na fala, como aponta Kendon na citação seguinte, sendo precisamente o aspeto da forte ligação entre os gestos e a fala que torna os gestos interessantes para quem estuda a língua falada:

The twenty years or more of growth in the study of co-speech gestures has mainly been about what they might reveal about internal psychological processes. As a result, we largely lack good detailed descriptions of how, in the production of utterances, these movements are used and how they may contribute to the utterances of which these are a part. We have few accounts of the forms of gestural expressions that speakers commonly use. We lack accounts of how the hands are used as descriptive devices or how they express the pragmatic aspects of a participant's engagement in talk (...), whether and in what way there

are changes in how gestures are used as the speaking register changes, the extent to which there are cultural and social class differences in the use of gestures – and so on. We remain very little systematic understanding of most of this.

Kendon, no prelo

Neste trabalho centrar-me-ei sobre os *gestos de apontar* (*pointing gestures*), ou *gestos deícticos* (*deictic gestures*) (cf. Efron 1972; Ekman & Friesen 1969; Levinson 1983; McNeill 1992), procurando, também, mostrar a relação entre a fala e os gestos. É a forma mais típica dos gestos de apontar a que Carvalho se refere como o movimento com “o braço e o indicador estendidos, com os restantes dedos fechados, acompanhando a frase “Está ali!”” (Carvalho 1983: 65). Serão ainda consideradas outras formas de apontar com as mãos e com outras partes do corpo, orientadas para objetos, pessoas e lugares visíveis e invisíveis, mas pertencentes ao mundo factual, e para conceitos abstratos referidos no contexto de enunciação. Os gestos de apontar têm sido descritos de acordo com as suas características formais e funções de apontar em diversas culturas (Scherzer 1972; Kita 2001, Wilkins 2003), mas, como refere Kendon (no prelo), pouco no que diz respeito a características formais e contexto vs. elementos linguísticos que acompanham a sua realização.

Procurando assim ir ao encontro do apelo de Kendon, propõe-se neste trabalho uma abordagem linguística (ou etnolinguística) dos gestos de apontar. Esta abordagem será feita com base num *corpus* vídeo e tem o objetivo de comparar as várias formas dos gestos de apontar do português com os elementos linguísticos correlacionados.

Antes de passar à parte prática do trabalho, e para seu melhor entendimento, passar-se-á em revista o conceito de *deixis* e a sua ligação ao gesto de apontar. Em seguida, será apresentado um estudo dos gestos de apontar do napolitano, em que os autores exploram questões formais e funcionais do seu uso. Na análise do *corpus*, procurar-se-ão detetar variações de sentido conforme a configuração da mão e as particularidades do movimento e os elementos linguísticos verbalizados em simultâneo. Dar-se-á atenção ao contexto interacional, sobretudo no que diz respeito às expectativas do falante relativamente ao conhecimento por parte do ouvinte sobre o que está a ser referenciado através do gesto e ao que o falante pressupõe que o ouvinte queira saber. Refletir-se-á ainda sobre o

conceito de deixis no âmbito de uma perspetiva da linguística pragmática e da sua possível aplicação na classificação das diferentes formas e respetivos contextos e cotextos.

A metodologia seguida, descrita em Galhano-Rodrigues (2007), é interdisciplinar, abrangendo áreas como a Análise do Discurso, Análise Conversacional (Ehlich 1994; Kallmeyer & Schütze 1976; Kerbrat-Orechioni 1990/1992), Linguística Interacional (Auer & Couper-Kuhlen 1994; Selting & Couper-Kuhlen 2000), Ciências Cognitivas (Goldin-Meadow 2003; Núñez & Sweetser 2006), Etnografia da Comunicação (Duranti & Goodwin 1997; Gumperz & Hymes 1974) e Estudos do Gesto (Butterworth 2003; Kendon 2004; Kita 2003; McNeill 1992).

2. Gestos de apontar

Os gestos de apontar são um tipo de gesto uniformemente descrito nas tipologias de classificação de gestos (por exemplo De Jorio 2000; Efron 1941; Ekman & Friesen 1969; McNeill 1992; Poggi 2007). Embora o ato de apontar pareça ser simples e até universal, os estudos que têm sido feitos sobre formas de apontar culturalmente específicas, práticas interacionais, processos cognitivos, psicolinguísticos e pragmáticos de apontar nos primatas, em indivíduos adultos e em crianças, formas de apontar nas línguas gestuais e nos processos semióticos e pragmáticos são um índice de um elevado grau de complexidade (cf. Kita 2003).

Como já referi, a forma canónica do gesto de apontar, que Carvalho (1983) descreve como o braço e o indicador estendidos, com os restantes dedos fechados, acompanhando a frase "Está ali!" (Carvalho 1983: 65), é para McNeill (1992) um gesto déítico, ou seja um gesto mostrativo que indica objetos ou eventos no mundo concreto ou fictício. Esse apontar realiza-se no espaço gestual. É um gesto tipicamente realizado pela mão com o dedo indicador esticado, embora também possa ser efetuado por qualquer outra parte do corpo (cabeça, nariz, queixo) ou objeto (lápiz). O seu significado dependerá do valor referencial que é atribuído no espaço gestual selecionado (McNeill 1992: 80). Butterworth (2003) define-o como "the orientation of the hand, either palm downward or rotated so the palm is vertical with respect to the body midline" (2003: 9) e descreve o ato de apontar (*pointing*) como "a deitic gesture used

to reorient the attention to another person so that an object becomes the shared focus of attention" (Butterworth 2003: 9). Kendon & Versante (2003) não limitam a função de apontar a esta única forma e consideram o padrão do movimento de uma parte do corpo e o alvo para o qual este se orienta como as características determinantes para a definição da função de apontar:

Gestures recognized as 'pointing' seem to have in common a certain characteristic movement pattern in which the body part carrying out the gesture is moved in a well-defined path, and the dynamics of the movement are such that at least the final path of the movement is linear.

Kendon & Versante (2003:111)

Os autores referem que, quando a parte do corpo envolvida no gesto atinge a sua amplitude máxima, essa posição se mantém durante uns segundos. Na verdade, já foram identificadas diversas formas de apontar com outras partes do corpo, dependendo não só de contexto e co-texto da interação, como se poderá ver mais adiante, mas também de hábitos culturais, como é o caso do apontar com os lábios. Referindo-se às especificidades culturais dos gestos de apontar e às possíveis interpretações e contextos de uso que podem ter³, o autor conclui que "pointing with the index finger is *not* universal in sociocultural and semiotic terms" (Wilkins 2003: 176). Wilkins alerta para o facto de uma forma idêntica poder não ter sempre a função de apontar, mas ser apenas um movimento universal que resulta de uma capacidade física do ser humano: "one might assume they are merely talking about a universal ability to extend one's index finger and move it into (or toward) a position (as in picking one's nose)" (Wilkins 2003: 173). Wilkins apoia-se nos três critérios de Rolfe (1996, cit. in Wilkins 2003: 174) que identificam um ato comportamental como sendo um ato de ostentação, ou seja, um ato deíctico: "Ostension has three important faces: it is for another (and is hence situated in the earlier dialogic frame); it implies the addressee understands what is being pointed at; and it is oriented on the

³ Wilkins comparou o gesto de apontar com o indicador com o apontar com os lábios (*lip pointing*), outra forma de apontar usada em seis culturas. Os falantes destas culturas dão preferência a apontar com os lábios e, em parte, desconhecem ou consideram tabu o uso do apontar com o indicador. Estes são falantes de inglês (USA), falantes de Ewe (Gana), falantes de Arrente (Austrália), falantes de Kuna (Panamá), falantes de Awtow (Papua Nova Guiné) e falantes de Barai (Papua Nova Guiné) (Wilkins 2003: 174-182).

speaker- that is, it is deictic" (Rolfe 1996, cit. in Wilkins 2003: 174).

Concluindo, e de acordo com a opinião de Wilkins (2003), apontar – ou seja, o uso de uma parte do corpo para fazer uma referência deíctica – parece ser universal. O uso do dedo indicador para desempenhar a função de apontar não é universal. Existem variações semióticas de variadíssimos parâmetros, desde a configuração da mão, até à parte do corpo usada no ato deíctico.

2.1. Seis gestos de apontar

Como já foi referido, usa-se um gesto de apontar quando se quer indicar/mostrar a alguém algum objeto, pessoa ou local num espaço visível ou não-visível, real ou virtual. Este ato de indicar, ou apontar para um referente pode ser feito com diferentes intenções: para destacar uma entidade, um objeto ou um local de entre vários ou para indicar um elemento (objeto, pessoa ou lugar) sobre o qual ou relativamente ao qual se pretende fornecer determinadas informações (cf. Kendon & Versante 2003). Estes investigadores, que estudaram os gestos manuais de apontar do napolitano, concluíram que a diversidade dos contextos e dos cotextos que precedem o momento da realização do gesto determinam as características formais destes gestos. Segundo os autores, a forma do gesto de apontar parece dar informação sobre o modo como o falante pretende que o ouvinte entenda o objeto indicado (Kendon & Versante 2003: 109). Assim, distinguem vários modos de apontar com a mão, cujas diferentes configurações se relacionam com a informação dada: se é uma focalização de um tópico principal, marcando contraste com outros objetos (*object individuation*) (Kendon & Versante 2003: 115), ou o comentário sobre o tópico; se é um tópico secundário; se é uma primeira referência a um objeto, ou se se trata de uma segunda menção, uma referência anafórica a esse objeto; se faz uma individualização (uma de entre muitas) ou dá apenas uma indicação vaga sobre a localização; se marca contraste ou não. Todos estes aspetos se manifestam no modo como se aponta; e, à semelhança do que acontece no discurso, também se fazem correções, reajustes às necessidades momentâneas do contexto discursivo (Kendon & Versante 2003: 111-133). Os seis diferentes tipos de *manual pointing* e os respetivos contextos e significados são os seguintes:

2.1.1. Dois modos de apontar com o indicador

- Indicador em extensão, palma da mão para baixo (*index palm down*): este tipo de gesto é usado para individualizar alguma coisa: "When a object is indicated as something to be attended to for itself, or when it is nominated separately as the topic of some discourse that is to follow" (Kendon & Versante 2003: 115). Também é constatado o uso desta forma para dar expressão à ideia de individualização, sem contudo indicar a localização do que está a ser individualizado: "individualization of the key is focal but not the location" (Kendon & Versante 2003: 129).

- Indicador em extensão, palma da mão vertical, o antebraço em posição "neutra" (*index palm vertical*): O objeto a ser individualizado tem relevância no discurso, mas não constitui o foco principal. O foco pode ser a) o modo como o objeto indicado é contrastado com outros objetos; b) algum processo ou atividade com que o objeto de certo modo esteja relacionado, como a origem ou causa; ou c) como uma representação concreta ou alguma coisa mais abstrata (Kendon & Versante 2003: 115). O falante indica um objeto que não é o foco, mas que, de vários modos se relaciona com ele, ou seja, fornece as condições ou circunstâncias para o que vai ser dito (Kendon & Versante 2003: 117).

2.1.2. Apontar com o polegar

- Polegar em extensão (*pointing with the thumb*), orientação do gesto para cima, para trás (por cima do ombro), ou para os lados: geralmente refere alguma coisa localizada atrás ou ao lado do falante (Kendon & Versante 2003: 121). O uso deste gesto revela que não há necessidade de indentificar/localizar com precisão o objeto que se refere. Isso deve-se ao facto de a) existir um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte no que diz respeito à localização do objeto, ou seja, conhecimento relativo ao contexto situacional; b) o objeto já ter sido localizado anteriormente no discurso, havendo um contexto conhecido e compartilhado pelos interactantes. Fala-se aqui do uso anafórico do gesto. Este gesto estabelece ainda o contraste entre o que está para trás do falante e o que está à sua frente (Kendon & Versante 2003: 125). Poder-se-ia dizer aqui que refere o espaço exterior ao espaço internacional, um espaço fora, não visível para falante e ouvinte(s).

2.1.3. Três modos de apontar com a mão aberta

Mão aberta (dedos em esticados, mais ou menos fletidos, dependendo do grau de tensão): usado não porque seja necessário distinguir o objeto indicado de outros, nem porque se pretende estabelecer o contraste entre ele e outro objeto ou localização. É porque esse objeto ou localização tem implicações para o discurso do falante: "Thus it may be that the object is being referred to because it serves as an example of something, because it stands for a concept, because it is the source of some information or activity that is being discussed, or because it is something that must be examined or taken into consideration as an exhibit" (Kendon & Versante 2003: 126).

- Mão aberta, palma vertical (*open hand palm vertical*): usa-se quando se comenta alguma coisa sobre/relacionada com o objeto indicado; ou quando este é referido como a origem ou causa de alguma coisa; ou representa uma ideia sobre a qual se fala; ou é um exemplo de uma classe; ou serve de símbolo para alguma coisa de concreto. Enquanto o apontar com o indicador com palma vertical localiza um objeto, o apontar com a mão aberta palma vertical caracteriza o que se vai encontrar no objeto indicado (Kendon & Versante 2003: 126).

- Mão aberta, palma para cima (*open hand palm up*): usa-se quando o objeto indicado é referido como alguma coisa a ser explicada, com um exemplo de alguma coisa, ou seja, o que se refere, apresenta-se, oferece-se: "in such pointings, often it seems that the speaker, metaphorically, is "offering" the object to his interlocutor" (Kendon & Versante 2003: 126).

- Mão aberta, oblíqua (*open hand obliqua*): nestes casos os autores reconhecem uma conotação negativa: o gesto é usado para apontar para alguma coisa com a qual se relaciona o comentário (negativo) que está a ser feito. Estabelece assim uma relação entre o objeto indicado e o interlocutor do falante. O objeto apontado é na maioria dos casos um indivíduo. A este gesto os autores atribuem um certo grau de convencionalidade, um ritual no napolitano, ou seja, um "*quotable gesture*"⁴ (Kendon & Versante 2003: 131).

Kendon e Versante reconhecem ainda a possibilidade de existirem gestos combinados, isto é, gestos de apontar que, combinados com movimentos específicos do braço, mão, ou de outras partes do corpo, a) representam

⁴ "A quotable gesture is a conventionalized general expression that members of the community where it is used can cite or quote out of its context of use. Gestures that have this property may often be glossed with a verbal expression, often a conventional use. Gestures that have been referred to as emblems since the publication of Ekman & Friesen (1969) usually have this quotable property" (Kendon & Versante 2003: 126, nota 8).

caraterísticas relacionadas com o objeto ou com o que está a ser comentado sobre o objeto; e/ou b) desempenham a função de marcador do discurso, dividindo o enunciado em tópico e comentário. Os autores designam-nos por *combined gestures*, gestos estes que não consideraram, no entanto, na sua análise (Kendon & Versante 2003: 113).

2.2. Gesto de apontar vs. Deixis

Kendon e Versante chamam a atenção para a necessidade de explorar o próprio conceito de apontar. Tendo em conta que o termo deixis se refere aos elementos linguísticos que estabelecem relações entre os enunciados e as circunstâncias de espaço e de tempo em que elas ocorrem⁵, os autores esclarecem que, na generalidade, se parte do princípio de que o gesto de apontar não faz mais do que estabelecer essa ligação necessária entre palavra e circunstâncias; questionam que, se os elementos linguísticos deícticos dão informações sobre pessoa, número, distância / proximidade dos referentes, não será que os gestos de apontar podem também fornecer informações desta natureza? E porque, como referem os autores, "The idea that distinctions of this sort might also be made gesturally has hardly been explored" (Kendon & Versante 2003: 133-134), este estudo, por mais limitado que seja, poderá contribuir para o conhecimento dos gestos de apontar e a sua relação com os elementos linguísticos correlacionados.

Na verdade há gestos formalmente idênticos aos de apontar que não são considerados como tal por não representarem explicitamente essa ideia de *movement toward*, por exemplo, um gesto com o indicador esticado fazendo um movimento lateral oscilante, a que geralmente é atribuído o significado de negação, parece negar uma característica específica de um todo; e o gesto de mão aberta e palma voltada para o exterior indica recusa de um todo. Nesse sentido, os autores sugerem a consideração de uma escala de valores do "movimento para":

Perhaps gesture could be arranged on a scale in which the 'movement toward' feature ranges continuously from zero through various degrees of subordination, until it is so dominant that no other movement component can be observed. From this point of view

⁵ Ver secção 3.

the gestures we have defined as "pointing" are those that are at the extreme end of this range, where 'movement toward' dominates over everything else.

Kendon & Versante (2003: 136-7)

Para melhor dar conta dos vários tipos de gestos de apontar na sua relação com as circunstâncias contextuais e cotextuais, convém passar em revista alguns aspetos do conceito de deixis que sustentam teoricamente este trabalho.

3. Deixis

O significado da palavra *deixis* do proto-indoeuropeu *deik-* que significa "mostrar/indicar" (cf. Pokorny 1959) está na origem da primeira aceção do conceito de deixis, já usado pelos gramáticos gregos na descrição das línguas. Como refere Fonseca, "Numa primeira aceção – próxima do seu sentido etimológico – deixis tem o sentido de indignação, mostração; usado no âmbito da descrição gramatical, o termo refere uma mostração de carácter verbal, "o gesto verbal" de apontar, chamando a atenção, por exemplo, para um elemento do contexto evidente pela sua proximidade" (Fonseca 1996: 438). Trata-se, assim, de uma transposição da função mais comum do gesto e apontar com o indicador para descrever elementos das línguas indo-europeias com a propriedade de indicar, como é o caso dos pronomes demonstrativos. No seguimento de Brugmann, que se refere a modos de ação (*Aktionsarten*) e de mostração (*Zeigarten / Demonstrationsarten*) nas línguas indogermânicas (Brugmann 1904, cit. in Bühler 1965: 83), Bühler amplia este conceito de modo a dar conta de outros aspetos da mostração verbal. Assim, na teoria do sistema dos dois campos (*Zweifeldlehre*) distingue um campo simbólico (*Symbolfeld*) (Bühler 1965: 149-255) e um campo mostrativo (*Zeigfeld*) (Bühler 1965: 79-148). Considera o marco de referência egocêntrico (*origo*), representado pelo sujeito falante e pelas coordenadas de espaço e de tempo ("ego-hic-nunc") no contexto situacional (Bühler 1965: 102-120). Aplica depois esta noção a um campo mostrativo textual e a um campo mostrativo imaginário, distinguindo três modos de mostrar: *deixis ad oculus*, no caso do campo mostrativo situacional; *anaphora*, para o campo mostrativo textual/discursivo; e *deixis am Phantasma*, para o campo mostrativo imaginário. Assim, os elementos deícticos dão instruções ao ouvinte de orientar a sua atenção para elementos físicos que existem no mundo real, para elementos imaginários do mundo fictício e para

elementos referidos no discurso/texto (Bühler 1965: 121-140).

Considerando o contexto da mostraçãõ e com base nas três modalidades de Bühler (1965), desenvolveram-se várias tipologias da deixis. Neste trabalho, considera-se a tipologia descrita em Fonseca (1992: 81-134; 1996), em que encontramos os seguintes tipos de deixis conforme o contexto compartilhado: a *deixis indicial* (também conhecida por *exofórica*), sendo o contexto compartilhado ou situacional e que corresponde à *deixis ad oculos* de Bühler; a *deixis textual* ou *discursiva* (também designada *endofórica*), em que o contexto compartilhado é o contexto verbal (o cotexto) e que se pode fazer corresponder à *anaphora* de Bühler; e a *deixis transposta* (ou *projetada*) cujo contexto é representado pelo conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte(s), por exemplo, uma memória comum, correspondente à *deixis am Phantasma*. No que diz respeito ao tipo de referência semanticamente ativada pela deixis, ou seja, de acordo com a componente do contexto ativada, distinguem-se a *deixis pessoal* (um pronome pessoal, a referência a uma 1ª, 2ª, 3ª pessoas), a *deixis espacial* (referência estabelecida através de um advérbio de lugar ou de um pronome demonstrativo); a *deixis temporal* (referência a um período/intervalo de tempo por meio de um tempo verbal ou de um advérbio de tempo); e a *deixis circunstancial* (ou *modal*), que pode ativar elementos do contexto relacionados com "o uso do deíctico genérico ASSIM" (cf. Fonseca 1996: 440-444). Poder-se-ia acrescentar a esta lista a deixis social, considerada por Fillmore (1975: 76), mas que Fonseca inclui na deixis pessoal (cf. Fonseca 1996: 442). Estas categorias serão aplicadas tanto aos elementos deícticos linguísticos como aos gestos de apontar, verificando o funcionamento do ato de indicar/apontar no contexto situacional como um composto multimodal, ou seja, de fala e gesto.

Retomando a questão do gesto, pense-se num gesto de apontar produzido no contexto de mostraçãõ, simultaneamente à produçãõ verbal de um elemento linguístico deíctico. Fonseca refere-se a estes gestos como situados entre o fazer e o dizer: "pelo seu sentido etimológico, o termo deixis está relacionado com o gesto de *apontar*: um gesto, um *fazer*, que, pressupondo uma situaçãõ de comunicaçãõ face a face e uma intencionalidade significativa comum a dois sujeitos, se situa a meio caminho do *dizer*" (Fonseca 1996: 437). Imagine-se agora que o enunciado que acompanha a execuçãõ do gesto não continha nenhum elemento deíctico espacial, como

por exemplo: "matei-o [o porco] agora". O pronome pessoal clítico refere-se ao porco (que não está presente); o gesto indica simplesmente o sítio onde se encontrava o porco. Neste caso, sabemos que a informação transmitida pelo gesto substitui a verbalização de uma referência ao lugar. Casos como este são muito frequentes numa situação de interação face a face. Tomamos consciência deles quando interagimos com um indivíduo invisual, como, aliás, exemplifica Fillmore (1972) na definição de deixis gestual (Fillmore 1972: 40-41), onde se nota a preocupação em salientar a ligação fala-gesto.

4. Objetivos específicos

Como se pôde ver na seção 2, os gestos de apontar têm sido descritos sobretudo como um tipo de mostraçãõ *ad oculus* ou indicial, num contexto de mostraçãõ situacional, apontando para uma direção ou focando a atenção de alguém para um objeto, local ou pessoa, para elementos concretos num contexto real. Mas também há gestos com que o falante, acima de tudo, estrutura o discurso, como, por exemplo, quando faz um gesto apontando para trás de si, enquanto diz "Aquilo que disseste há pouco!". Será que estes vários tipos de gestos de apontar podem ser classificados do mesmo modo a) quando indicam uma ideia abstrata algures no espaço gestual/interacional e b) quando apontam para um alvo concreto (mesmo não estando visível no contexto internacional)? Parte-se do princípio de que a tipologia da deixis pode dar conta destas diferenças.

Para explorar estes aspetos far-se-á uma micro-análise dos gestos de apontar conforme as variáveis formais e contextuais, com base na tipologia atrás apresentada. A aplicação das tipologias desenvolvidas para a deixis na análise dos gestos de apontar não é mais do que um percurso inverso àquele que seguiram os gramáticos ao transferir as características do gesto de apontar para os elementos da língua que pareciam ter propriedades idênticas à dos primeiros. Pretende-se, assim a) identificar as formas de gestos de apontar (apontar com o indicador, polegar, mão aberta e eventualmente outros movimentos do corpo) de uma falante da língua portuguesa; b) verificar se as formas descritas por Kendon & Versante (2003) para o napolitano também se encontram nesta amostra do português; c) analisar os contextos e cotextos em que os diferentes tipos de gestos ocorrem, considerando também se as informações por eles fornecidas são idênticas às que descrevem os autores;

por último, d) refletir sobre as classificações dos gestos de apontar, de acordo com as questões apresentadas no início desta secção.

5. Variáveis da análise

As seguintes variáveis baseiam-se, em parte, no trabalho de Kendon & Versante (2003), em parte, em observações feitas por mim sobre o uso anafórico do gesto e o contexto de enunciação, tendo em conta expectativas e pressupostos do falante e do ouvinte sobre a necessidade de individualizar ou não um elemento no contexto situacional:

- Tipo do gesto de apontar: com o indicador, polegar, mão fechada, e as respetivas orientações da palma da mão.
- Características do movimento: duração, amplitude, fluidez, orientação.
- Movimentos de outras partes do corpo envolvidos: olhar, cabeça, torso, outros.
- Localização do alvo do gesto de apontar relativamente à posição do falante: plano, orientação, visibilidade, distância (a localização pode ser determinante para as características formais do gesto, sobretudo para o dedo escolhido, como no caso do apontar com o polegar, que pressupõe que o objeto indicado se encontre atrás ou a um dos lados do falante).
- Classe dos elementos linguísticos correlacionados: nome, verbo, pronome...
- Características prosódicas da fala: intensidade, altura de tom, duração, contornos da unidade entoacional.
- Deixis – conforme o contexto compartilhado: indicial, discursiva e transposta.
- Deixis – componente de conteúdo ativado: deixis pessoal (social), espacial, temporal, circunstancial, discursiva/textual.
- Conteúdo do enunciado: localiza/individualiza um lugar no contexto situacional (visível ou invisível); indica o alvo como origem ou meta de um movimento; descreve ações/eventos relacionados com o lugar

apontado.

- Natureza do alvo indicado: lugares, espaços, intervalos de tempo, objetos, pessoas.
- Menção por parte do falante: primeira, segunda, múltipla.
- Expetativas/suposições do falante sobre o conhecimento do referente por parte do ouvinte.
- Motivação/estado psicológico e físico do falante para indicar com precisão.

6. Análise do *corpus*

O *corpus* analisado consiste numa gravação vídeo de numa entrevista de 40 minutos a uma mulher de 79 anos, iletrada, que vive em S. João d'Arga, uma localidade no Alto Minho. A entrevista decorre ao ar livre, à frente da sua casa, situada numa pequena elevação, num espaço relativamente amplo que deixa adivinhar o que se encontra para além dos limites impostos pelas características morfológicas do terreno. Daí visualizam-se os montes e algumas construções vizinhas. Nesta entrevista, em que estão presentes um vizinho da entrevistada, o entrevistador (um indivíduo ligado à câmara de Viana) e eu mesma, pede-se à entrevistada que fale da sua vida e dos seus hábitos de trabalho. As perguntas são feitas de modo a criar as condições para que ela se veja na necessidade de localizar/indicar no espaço lugares, objetos e pessoas que fazem parte das memórias da sua vida.

Nos 40 minutos da entrevista foram identificados 4 tipos de gestos de apontar: 18 gestos de apontar com o indicador; 11 gestos de apontar com o polegar; 5 gestos de apontar com a mão aberta. Além destas formas, detetaram-se ainda 10 gestos de apontar não-manuais, em forma de movimentos da cabeça e rotação/inclinação do torso e orientação do olhar.

6.1. Gestos de apontar com o indicador

A grande maioria dos gestos aponta para locais mais ou menos distantes da falante e dos seus interlocutores, mas ainda visíveis (ou muito perto de outro local visível na direção do qual se situam). A tabela 1 mostra os

elementos linguísticos correlacionados com cada um dos tipos de gesto. Em negrito encontram-se os elementos deícticos que estabelecem vários tipos de relações de referência no contexto situacional, por exemplo, os advérbios de lugar e os pronomes demonstrativos, ligados a nomes que designam lugares, objetos ou pessoas. São os diferentes tipos de deixis que variam conforme o conteúdo ativado. Tendo em conta o contexto situacional, são *deixis espaciais*. Considerando o contexto compartilhado, são *deixis indiciais*. São também anotadas as características prosódicas com que foram verbalizados estes elementos, por terem uma função icónica, ou seja, por revelarem atitudes da falante e, desta forma, fornecerem um conteúdo semântico adicional ao conteúdo proposicional da frase.

APONTAR COM O INDICADOR – PALMA VERTICAL (PV), OBLÍQUA (PO), PARA CIMA (PC), PARA BAIXO (PB)			
Palma da mão (orientação)	Classe morfol. dos elementos ling.	Exemplos	Função/Significado
1 - PV + olhar (grande amplitude: cotovelo ca. 180°)	adv. de lugar	vou acolá (9)	indica lugar (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado, lateral) precisão
2 - PV + olhar (grande amplitude: cotovelo ca. 180°)	adv. de lugar	não, vou buscar ali acima (10)	indica lugar (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado, lateral) precisão
3 - PV + olhar cotovelo ca. 130°	adv. de lugar + prep + art. indef. + objeto	aqui numa casa, dez anos na casa da loura (3)	indica lugar de objeto (posição relativa: próximo, plano mais baixo, lateral)
4 - PV + olhar cotovelo ca. 180°	adv. de lugar + pron.demonst. + nome	olhe como tal estão ali aquelas olivieras (90) - ver ex. g)	indica lugar de objeto (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado) precisão
5 - PV + olhar cotovelo < 90°	nome (topónimo)	eu sou de serra d'arga (27)	indica lugar (posição relativa: distante, invisível, plano mais elevado)

6 - PV + olhar gesto combinado: trajetória do gesto = icónico (conteúdo do enunciado) cotovelo 180°	prep. + adv. de lugar (+ modo)	por aí acima sempre (47)	indica percurso (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado)
7 - PV + olhar gesto combinado: trajetória do gesto = icónico (conteúdo do enunciado) cotovelo 180°	verbo + verbo + adv. de lugar	vinham e assopravam d'acólá (91) - este gesto segue-se ao ex. d).	indica lugar onde decorreram ações; (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado) precisão trajetória do gesto informa sobre essas ações.
8 - PV + olhar gesto combinado: oscilação vertical na paragem pós-golpe = icónico cotovelo 180°	pron. demonstr. + nome	mas tem de me acompanhar aquele senhor (33);	indica pessoa (participante na interação) (posição relativa: muito próximo, plano ligeiramente mais elevado, visível) movimento na paragem pós-golpe: intensificação
9 - PV + olhar gesto combinado: focaliza ideia cotovelo ca. 45°	frase características prosódicas = icónicas (variação da altura de tom, contorno entoacional ascendente-descendente)	olhe que eu fui na parada de viana a fiar. era 'eu que 'ia 'lá; (32)	focaliza conteúdo do enunciado; indica destinatário (posição relativa: muito próximo, mesmo plano, visível); prosódia: censura
10 - PO (baixo) + olhar Cotovelo 180°	adv. de lugar	trabalhar ali (1)	indica lugar (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado)

11 - PO (baixo) cotovelo ca. 130°	adv. de lugar + adv. de lugar	havia outro aqui em cima (86);	indica lugar (posição relativa: próximo, invisível?, plano mais elevado)
12 - PO (baixo) + olhar gesto combinado: paragem pós-golpe: 3 batidas (coesão) cotovelo ca. 130°	art.def. + nome (pessoa) + determinativo + pron. dem. + nome (objeto)	o dono desta casa que me deixa estar aqui* (24) – este gesto precede os gestos dos dois exemplos a seguir.	indica objeto (posição relativa: visível, plano mais elevado, próximo) aqui* = refere-se ao lugar onde se encontra a falante e não ao lugar indicado pelo gesto
13 - PO (baixo) – menor amplitude gesto pragmático cotovelo < 90°	hesitação (pausa cheia) + frase	eh::: deu-me (25a)	marcador discursivo / sinal de articulação
14 - PO (baixo) cotovelo 90°; mão orientada para trás do ombro do lado oposto	adv. de lugar + prep. + art.def. + nome (objeto)	um moinho* aqui no moinho pequeno (25b)	indica lugar (posição relativa: atrás da falante) de objeto moinho* = horas para moer
15 - PO (baixo) + olhar cotovelo ca. 45°	art. def. + nome	o Manel conhece-a bem (45)	indica pessoa (participante na interação) posição relativa: próximo, visível (plano ligeiramente mais elevado)
16 - PO (cima) + olhar cotovelo > 90°; gesto lateralmente orientado para fora do corpo	adv. de lugar + pron. demonstr. + nome	aqui esta senhora (92)	indica lugar (posição relativa: lateral, plano inferior, próximo); e pessoa que vive no lugar (identificação da pessoa pela referência ao lugar)
17 - PO (cima) + olhar cotovelo 45°; gesto lateralmente orientado para fora do corpo	prep. + art. def. + nome	na casa da loura (96)	indica lugar do objeto (posição relativa: atrás da falante, plano inferior, próximo). conhecido: já referido no disc.

18 - PO (cima) + olhar1 (na direção do gesto) + olhar2 (na direção do destinatário) gesto combinado: focaliza ideia cotovelo 45°; gesto orientado para fora/lado-frente do corpo	frase + prep. + art. indef. + nome características prosódicas = icónicas (variação da altura de tom, contorno entoacional ascendente-descendente)	eu fui a fazer renda num moinho de viana (39)	indica direção do lugar onde se realiza ação (posição relativa: distante, lateral, plano inferior, invisível) prosódia + olhar2: censura
--	---	--	--

Tabela 1: lista dos gestos de apontar com o indicador

De 18 gestos, 14 foram acompanhados com orientação do olhar para o alvo, independentemente da orientação da palma da mão. Em todos o alvo é um lugar onde se realizam ações, ou onde a falante localiza um objeto (por exemplo uma casa ou um moinho) ou uma pessoa. Nos quatro exemplos em que a falante não orientou o olhar na direção do gesto, encontram-se situações diversas: no exemplo 11 na tabela, não era relevante indicar a localização do moinho; no exemplo 13, a configuração da mão, embora mantendo a forma de apontar, não desempenha essa função de indicar. Foi apenas congelada, e através de uma pequena batida numa fase de transição entre um gesto de apontar e outro, acompanha a verbalização de outra ideia (a de dar); quando a falante refere o objeto "dado", aponta para trás de si (exemplo 14), para o local onde se encontra o referente; o modo como este gesto foi executado, obrigaria a uma rotação de todo o corpo para que a falante o pudesse acompanhar com o olhar, o que revela que não era muito importante informar sobre a localização precisa do moinho. Isso deve-se ao facto de esse moinho fazer parte de um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte. Neste caso seria de esperar um gesto de apontar com o polegar; no exemplo 18, a primeira orientação do olhar segue a orientação do gesto; num segundo instante, a falante congela o gesto de apontar e orienta o olhar para o destinatário. As características prosódicas desta parte do enunciado (em negrito na tabela) revelam uma atitude de orgulho (relativamente ao facto de ter ido a fazer renda em cima de um moinho no cortejo etnográfico de viana) e, simultaneamente, censura e

indignação para com o destinatário por desconhecer tal feito. Podem assim considerar-se duas partes neste gesto: uma primeira apontando apenas para um alvo, enquanto verbaliza: "eu fui a fazer renda"; uma segunda, em que o gesto fica (congelado) nessa posição durante a verbalização da frase "num moinho de viana", acompanhada por uma rotação da cabeça/olhar para o destinatário. Na primeira parte, o gesto antecipa a localização do elemento que vai ser referido na frase seguinte; na segunda parte, a falante orienta o olhar para o destinatário, mudando o seu foco de atenção. Gesto e olhar indicam focos distintos.

No que diz respeito à orientação da palma encontra-se uma diferença entre a palma vertical e a palma ligeiramente mais voltada para baixo, mas não horizontal, de tal modo que a designei aqui por palma oblíqua (indicada na tabela por PB, palma para baixo). Esta posição pode ter a ver com a menor tensão com que foram executados, ou com a falta de mobilidade da falante, atendendo a que a forma palmas viradas para baixo (PB) não consta deste *corpus*. Na verdade, o apontar com o indicador e a palma para baixo obriga não só à elevação do braço, mas também à torsão do antebraço, o que pode ser custoso para a falante.

Quanto à distribuição destas três configurações da mão não se pode retirar conclusões válidas com base em tão poucos exemplos. Parece no entanto, e refiro-me apenas a este estudo de caso, que os gestos de apontar com o indicador PV correspondem a momentos em que há necessidade de indicar o alvo com maior precisão, pelo facto de o ouvinte mostrar interesse em sabê-lo.

Falta ainda referir os gestos combinados (exemplos 6, 7, 8, 9, 12, 18): o gesto do exemplo 9 é, em parte, idêntico ao exemplo 18, já descrito atrás. O significado adicional é o de focalizar uma ideia, manifestando a atitude da falante relativamente não só a essa ideia (orgulho), mas também ao ouvinte (censura). No exemplo 12, na paragem pós-golpe, verificam-se três batidas, mantendo a mesma configuração que marcam o ritmo da frase seguinte. O gesto 8 também focaliza uma ideia abstrata: a imposição de certas condições que o ouvinte terá de considerar. Os gestos dos exemplos 6 e 7 são os únicos deste grupo que apontam no concreto, ilustrando em pequenos movimentos o sentido dos enunciados correlacionados.

Enquanto em quase todos os exemplos os gestos estão correlacionados

com deixis espaciais gramaticalizadas por advérbios de lugar, nos exemplos 5, 17 e 18 essa gramaticalização está implícita na forma "ir buscar", e na preposição em "na casa", "num moinho". Os gestos desempenham quase uma função de recuperar a omissão de um elemento verbal que explicitasse a localização relativa à falante no contexto internacional, como, por exemplo, de um "ali" ou de um pronome demonstrativo: (vou buscar ali; nesta casa; num moinho ali). Nestes casos a complementação do conteúdo dos enunciados através da informação adicional sobre a localização dos referentes no contexto situacional está mais explícita. A falante pressupõe que o ouvinte tenha conhecimento da localização destes lugares.

Os exemplos 8 e 9 podem-se agrupar na medida em que os gestos estão orientados para um dos parceiros da interação: em (8), a falante aponta para um dos parceiros e refere-se a ele na terceira pessoa, mostrando assim que o destinatário do seu enunciado não é ele, mas sim o outro parceiro. Em 9, o gesto é combinado, não só indica o destinatário, como também a atitude da falante para com ele.

Resumindo, pode-se dizer que os gestos estabelecem esta ligação entre as circunstâncias explicitadas nos enunciados e o contexto situacional, localizando os referentes no espaço interacional com certa precisão. Indicar com o indicador está ligado a uma necessidade de individualizar um elemento, ou de localizar esse elemento no espaço do contexto situacional.

6.2. Apontar com o polegar

Como consta da tabela 2, todos os 7 gestos de apontar com o polegar foram executados quando o alvo referido fazia parte do conhecimento compartilhado: ou porque o elemento a referir já tivesse sido mencionado na interação, ou porque era, ou a falante o pressupunha que fosse, do conhecimento do ouvinte. Os referentes do gesto podiam estar visíveis, mais perto ou mais distantes; no entanto, o falante não acompanhou o movimento com um direcionamento do olhar para o alvo do gesto. Neste caso, houve correspondência com as formas descritas por Kendon & Versante (2003). Os exemplos 20 e 21 são casos idênticos aos exemplos 17 e 18 referidos na secção 5.1. Fornecem informação adicional sobre a

localização vaga dos referentes: da casa da Vilara (exemplo 19); do sítio onde vai buscar um feixe de lenha, gesto sem correspondente linguístico que refira um lugar (exemplo 20); da Serra d'Arga (exemplo 21); do moinho pequeno (exemplo 22) e do moinho grande (exemplo 23), ambos mais perto da falante. São interessantes os gestos combinados dos exemplos 24 e 25, em que a configuração do gesto de apontar é congelada e usada com outras funções: a de reforçar características semânticas da forma do verbo "ir" (exemplo 24) e a indicar a forma de um percurso, que sobe por uma encosta e desce pela outra (exemplo 25). Parece que, no caso de gestos mais vagos ou que não têm a função primária de indicar/apontar, é comum tornarem-se visíveis outros aspetos que se prendem com conceptualizações relativas ao referente ou à sua localização.

APONTAR COM O POLEGAR			
Descrição do movimento	Classe morfol. dos elementos ling.	Exemplos	Função/Significado
19 - polegar direito no lado esquerdo da falante, aponta para trás da falante	art. definido + det. + nome + det. + nome próprio	as da casa da Vilara (101)	indica direção do local onde se encontram as pessoas referidas no enunciado (posição relativa: atrás, não visível, plano inferior, próximo); conhecido; complementa conteúdo do enunciado
20 - polegar direito aponta para lado direito; pequeno movimento com o braço direito para a direita	verbo + prep. + art. + loc.modal	vou buscar ao feixe (8)	indica direção do local onde vai buscar alguma coisa; (posição relativa: distante, invisível, plano mais elevado, lateral); não-relevante para falante; complementa conteúdo (elíptico) do enunciado

21 - polegar direito, aponta para lado direito; duas batidas, pequena amplitude	verbo + prep + nome (topónimo)	vieram d'arga (62)	indica direção do local que corresponde à origem de um percurso (posição relativa: distante, plano mais elevado, não-visível); conhecido; complementa conteúdo do enunciado
22 - polegar direito aponta para trás por cima do ombro direito	adv. de lugar + prep. + art.def. + nome	tenho* aqui no piqueno, que mo deram (23)	indica direção do local onde se localiza objeto (moinho) e onde a falante realiza uma ação (moer); (posição relativa: distante, plano mais baixo, não-visível); 1ª menção / pressupõe conhecimento por parte do ouvinte tenho* = tem horas para moer
23 - polegar direito aponta para trás por cima do ombro direito + ligeira torsão do torso	adv.de lugar + prep. + art.def. + nome	pode ser aqui no moinho grande, você conhece-o bem (22)	indica direção do local onde se localiza objeto (moinho) e onde a falante realiza uma ação (moer); (posição relativa: distante, plano mais baixo, não-visível); 1ª menção / pressupõe conhecimento por parte do ouvinte

<p>24 - sequência: polegar direito aponta para trás por cima do ombro direito; mesma configuração da mão: nega com abano da mão, simultâneo a "nunca" (icónico). gesto combinado: polegar direito apontado para cima, elevação do braço para cima</p>	<p>adv.de lugar ; negação; adv. de lugar</p>	<p>mas eu ali nunca fui, aqui a cima (86)</p>	<p>indica direção do local; nega; volta a indicar lugar mais acima (= reparação?) (posição relativa: distante, plano mais baixo, trás, não-visível // distante, plano mais elevado, não-visível, lado); Gesto icónico/descritivo: informação que reforça o significado do verbo "ir".</p>
<p>25 - Sequência de 3 gestos (2 combinados): mov. asc. braço dir - polegar p. lado dir/ cima = g. combinado; mov. do braço p. trás; apontando p. trás; e mov. do braço p. baixo, apontando p. baixo = g. combinado</p>	<p>adv. de lugar + verbo; adv. de.lugar; verbo;</p>	<p>aqui sobe, lá desce. (57)</p>	<p>indica direção do local e percurso para lá e para cá (posição relativa: distante, plano mais elevado, não visível) 3ª menção – conhecido; gestos icónicos/descritivos: informação sobre percurso (a subir e da descer) mantendo mesma configuração do gesto</p>

Tabela 2: lista dos gestos de apontar com o polegar

6.3. Apontar com a mão aberta

Os gestos de apontar com a mão aberta foram muito raros neste *corpus* e não serão aqui tratados. Posso no entanto referir que em dois casos acompanham partes de enunciados que relatam eventos que se passaram nos espaços vagos para os quais se orientam as extremidades da mão, esticada de palma para cima. Este tipo de gesto será explorado noutro estudo em que

se considere um *corpus* mais extenso.

6.4. Apontar com outras partes do corpo: cabeça e ombros

Uma forma de apontar recorrente nesta falante é o apontar com a cabeça. Esta variante de apontar pode assumir várias formas: a) um apontar rápido, indicando uma direção através de uma curta elevação e abaixamento do queixo, muitas vezes envolvendo também a rotação dos ombros/torso, conforme a localização do referente – à frente, ao lado ou um pouco atrás da falante – e, ainda, a orientação do olhar, como nos exemplos 30, 31, 34-37); b) um apontar com um movimento que ilustra um percurso (exemplos 32, 33), que, à semelhança do gesto de apontar combinado referido nas tabelas antecedentes, se pode considerar um movimento de apontar combinado; e c) um apontar com a cabeça sem orientação do olhar para o alvo, sobretudo nos casos de este se encontrar numa posição lateral/lateral-frontal relativamente à falante (exemplos 26-29).

Todos estes movimentos foram executados em cotextos em que ou a falante estava segura de que os presentes tinham conhecimento da localização exata do referente, ou em que essa mesma já tinha sido mencionada antes. Por este motivo, o seu uso é anafórico. Muitos destes movimentos, à semelhança de alguns gestos de apontar com o polegar parecem ser perfeitamente inconscientes, isto é, são executados de um modo pouco amplo, ilustrando o modo como a localização em questão se encontra conceptualizada a nível cognitivo. Revelam assim o “pensamento” da falante (Goldin-Meadow 2003).

A preferência por estas formas de apontar poder-se-ia explicar pelo facto de exigirem um menor esforço físico por parte da falante: atendendo a que a posição de descanso em determinados momentos da interação era uma postura de costas das mãos apoiadas nas ancas, não havendo necessidade de uma indicação precisa de um lugar, a função de apontar pode ser mais confortavelmente assumida por um movimento com a cabeça. Essa atitude de menor esforço por parte da falante pôde-se verificar em algumas passagens da interação, por exemplo, quando lhe foi pedido que descrevesse um percurso por onde costumava passar, a falante fez uma listagem de vários lugares – uma listagem que frequentemente se faz tocando em cada um dos dedos de uma mão com o indicador da outra mantendo as mãos entrelaçadas à frente do corpo. Se as mãos se encontravam nesta posição, os gestos eram menos amplos; pelo

contrário, se os braços já se encontravam em movimento, era-lhe mais fácil executar gestos mais amplos. Assim, poder-se-ia supor que a preferência por uma ou outra forma se prende também com as capacidades físicas da falante e/ou a sua motivação na indicação precisa do local, independentemente de pressupor ou não conhecimento desse local por parte do(s) ouvinte(s).

Há ainda gestos de apontar correlacionados com uma deixis da modalidade linguística que não ativa o mesmo tipo de referência semântica do gesto (cf. exemplo 37); e gestos de apontar que não foram acompanhados pela verbalização de um elemento linguístico deítico (cf. exemplo 36). No contexto de enunciação, o gesto do exemplo 36 estabelece uma ligação entre o que está a ser dito e o local para o qual aponta. Baseado no seu conhecimento do mundo e que é compartilhado com o falante, o ouvinte/observador poderá estabelecer uma relação de coesão entre os elementos "duas ovelhas" e o local indicado através do gesto. Ambos os gestos dos exemplos 36 e 37 apontam para um lugar no contexto situacional que associam a conteúdos do enunciado correlacionado, evitando, assim, o uso de palavras. Deste modo instantâneo e imagístico (cf. McNeill 1992), facilmente descodificável pelo ouvinte, contribuem para a eficácia da comunicação. Melhor nos poderemos aperceber do contributo dos gestos de apontar nestes contextos, se imaginarmos, como sugere Fillmore (1975), que interagimos com um indivíduo invisual.

Os exemplos 38 e 39 são casos à parte: os movimentos da cabeça são idênticos àqueles que a falante usa para indicar a direção de um alvo, as características prosódicas, no entanto, são bem distintas, o que faz com que as suas funções também o sejam. Nestes exemplos, um elemento linguístico é verbalizado com maior intensidade da voz e com uma subida e descida da altura de tom. Este movimento tem a função de, juntamente com a prosódia, dar ênfase a um determinado elemento linguístico do enunciado. É de facto uma espécie de apontar com o dedo para o que se quer salientar no discurso, mas não se enquadra na definição de deixis. Nesse caso estes movimentos têm uma função diferente da dos movimentos da cabeça que apontam para alguma coisa. Têm a função de focalizar um determinado conteúdo, "mostrando" aos ouvintes a importância que a falante lhe dá e o seu interesse em que estes a reconheçam. Além de criar este foco de atenção, a ênfase prosódica e corporal tem a função modal de transmitir a atitude da falante para com o enunciado e para com o seu interlocutor. Será que nestes

exemplos (38 e 39) se pode falar também de uma função de “apontar” ou “indicar”, ou trata-se de uma forma de movimento com a cabeça idêntico ao do apontar com a cabeça, mas com a função de focalizar? Esta última opção será a mais plausível, mas são precisamente casos destes que mereceriam ser mais explorados e aprofundados.

APONTAR COM A CABEÇA / OMBROS			
Descrição do movimento	Classe morfol. dos elementos ling.	Exemplos	Função/Significado
26–inclina cabeça e torso para a direita e volta a endireitá-la	adv. de lugar	vou buscar ali da australeda que estão caídas, Manel (11)	indica direção do lugar (posição relativa: plano mais elevado, distante, não-visível), conhecido p. um dos ouvintes. Postura anterior à verbalização = mãos nas ancas, não altera postura para indicar local.
27– 1.[acena] ⁶ ; 2. inclina cabeça e ombros para a direita e vota a endireitá-los.	pron. demonstr. + nome	[sim, sim], à beira daquele moinho (12)–a seguir a (11)	[acena] indica direção do local onde se encontra moinho (posição relativa: plano mais elevado, distante, não-visível). aquele – referência a conhecimento compartilhado; repetição do gesto anterior
28–inclina cabeça e ombros para a esquerda e volta a endireitá-los	adv. de lugar + prep. + art. def. + nome	hospital, no hos, lá no hospital de viana (43)	indica direção de local posição relativa: distante, não-visível; plano inferior; conhecimento compartilhado por todos; mov.cabeça retardado em relação à verbalização do advérbio.

⁶ Aceno realizado em simultâneo com verbalização dos elementos linguísticos [sim, sim].

<p>29-inclina ligeiramente a cabeça (movimento de pouca amplitude) e volta a endireita-la</p>	<p>adv. de lugar + prep. + art. def. + nome</p>	<p>ali na venda (73)</p>	<p>indica direção do local posição relativa: próximo, não-visível, plano inferior; pressupõe conhecimento compartilhado</p>
<p>30- roda cabeça para esquerda + olhar + ergue e baixo a o queixo</p>	<p>adv. de lugar + prep. + art. def. + nome</p>	<p>ali na: ali na loura (75)</p>	<p>indica direção do local posição relativa: (posição relativa: atrás da falante, plano inferior, próximo). pressupõe conhecimento compartilhado / 1ª menção</p>
<p>31- roda cabeça e ombros/torso + olhar + ergue e baixa o queixo</p>	<p>adv. de lugar + prep. + art. def. + nome</p>	<p>era ali na ponte de tesancas (85)</p>	<p>indica local; posição relativa: lateral, plano inferior, não-visível; pressupõe conhecimento compartilhado</p>
<p>32- roda cabeça + olhar movimento combinado (icónico) - ergue cabeça num movimento amplo</p>	<p>verbo + prep + adv.lugar</p>	<p>olhe, pra descer por aí abaixo (63)</p>	<p>indica percurso (posição relativa: distante, visível, plano mais baixo) conhecido; movimento icónico: indica percurso</p>
<p>33- roda cabeça + olhar + ergue o queixo c. movimento amplo e volta a baixá-lo</p>	<p>prep. + adv. de lugar + prep. + nome</p>	<p>d'aqui a arga (56)</p>	<p>indica origem, percurso e meta. posição relativa: do plano zero a um plano superior, distante, visível/não-visível; conhecimento compartilhado.</p>
<p>34-ergue e baixa a cabeça + olhar</p>	<p>adv. de lugar</p>	<p>eu dancei muitas vezes em viana no cortejo (76)</p>	<p>indica direção do local onde se realizou ação; posição relativa: distante, não-visível; plano inferior; conhecimento compartilhado; complementa conteúdo do enunciado;</p>

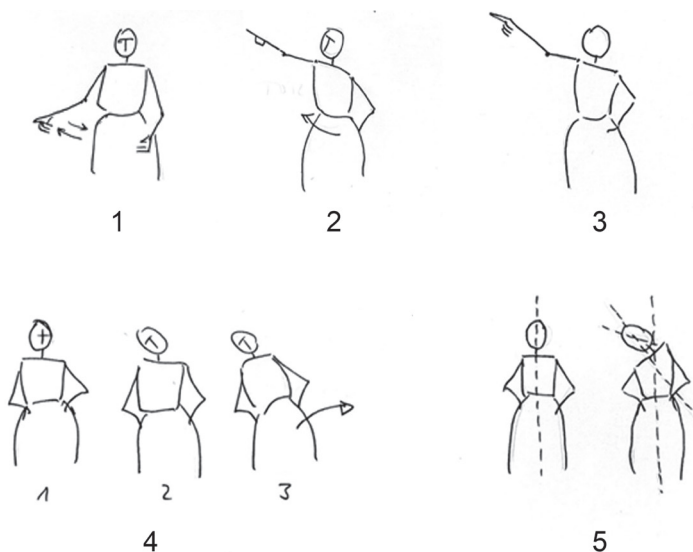
35-ergue e baixa o queixo na direção do referente + olhar	pron. pessoal	você conhecia-o bem (79)	indica referente / destinatário; posição relativa: muito próximo, visível; plano ligeiramente superior;
36-roda a cabeça para a esquerda – ergue e baixa o queixo + olhar	num. + nome	tenho duas ovelhas (16)	indica local onde se situa referente; posição relativa: muito próximo, visível; plano ligeiramente superior; complementa conteúdo do enunciado;
37-roda a cabeça para a esquerda – ergue e baixa o queixo + olhar	pron. pessoal	não, matei-o agora (o porco) (14)	indica local onde se situa referente; posição relativa: muito próximo, visível; plano ligeiramente superior; complementa conteúdo do enunciado;
38-ergue e baixa o queixo na direção do referente + olhar	pron. indefinido caraterísticas prosódicas = ênfase	sei fazer de !'TUDO; (38) ⁷	focaliza ideia (com aumento da intensidade da voz, subida e descida de altura de tom)
39- ergue e baixa o queixo na direção do referente + olhar	nome caraterísticas prosódicas = ênfase	não é linho é !'LÃ; (34) ⁵	focaliza ideia (com aumento da intensidade da voz, subida e descida de altura de tom)

Tabela 3: lista do movimento de apontar com a cabeça

⁷ Transcrição prosódica de acordo com o sistema GAT (cf. Selting et al. 1998).

6.5. Apontar com o indicador vs. apontar com a cabeça

A título de exemplo considere-se a sequência dos exemplos 1, 2, 26 e 27: quando lhe perguntaram onde ia buscar a lenha, a falante responde: (fig. 1) "vou buscar ao feixe" e aponta vagamente com o polegar para o seu lado direito. No entanto, o interlocutor quer saber com mais precisão onde fica esse lugar. A entrevistada indica-o seguir com mais precisão: (fig. 2) "vou acolá", e aponta com o indicador, orientando o olhar para o alvo do gesto. Segue-se ainda um pedido de maior explicitação, atendendo a que o lugar fica muito distante e é difícil de distinguir. A falante explicita: (fig. 3) "vou buscar ali, ali acima", apontando mais uma vez com indicador e orientando o olhar nessa direção. E continua a dar mais informações sobre o lugar, desta vez apontando apenas com a cabeça e os ombros, olhando para os seus interlocutores: (fig. 4) "vou buscar ali da australeda que estão caídas, manell!" (fig. 5) "sim sim, à beira daquele moinho". Esta sequência mostra estas diferentes apetências de três tipos de gesto de apontar na sequência cotextual e contextual, considerando os pressupostos relativamente ao conhecimento compartilhado e à necessidade de explicitação da localização de um lugar no espaço do contexto situacional (ver figuras 1-5):



Figuras 1-5: apontar com o polegar (fig. 1), indicador (figs. 2 e 3) e cabeça (figs. 4 e 5).

7. Conclusão

Resumindo, pode dizer-se que foram encontradas duas formas de apontar idênticas àquelas descritas por Kendon & Versante (2003), a saber, o *apontar com o indicador, palma vertical*, e o *apontar com o polegar*. Em contrapartida, a falante do *corpus* analisado executa um *apontar com o indicador de palma oblíqua ou quase voltada para baixo*, que eventualmente poderá corresponder ao apontar com o indicador de palma para baixo, podendo esta pequena diferença na rotação da mão prender-se com certa falta de mobilidade física da falante. Foi ainda detetado um *apontar com o indicador de palma oblíqua, quase voltada para cima* em casos da indicação de um alvo numa posição lateral relativamente à falante, uma forma que não foi descrita pelos autores atrás referidos. Estas formas foram usadas também em gestos combinados, isto é, gestos que simultaneamente apontam e representam/ilustram características semânticas do conteúdo dos enunciados.

Kendon e Versante não exploraram outras formas de apontar além das manuais. No entanto, a forma de apontar com a cabeça, muito recorrente na falante do *corpus*, foi considerada, sobretudo porque, em grande parte, estes movimentos foram executados em contextos semelhantes aos dos gestos de apontar com o polegar. Isto é, sempre que a localização do alvo já tinha sido efetuada num momento precedente, ou porque a falante sabia ou supunha que o(s) ouvinte(s) tinham conhecimento sobre essa localização. Sendo assim, esta forma poderia considerar-se um sinónimo do apontar com o polegar nos casos em que não é necessário apontar com precisão para um alvo.

Alguns gestos, os gestos combinados, dão informações adicionais à função de apontar, ilustrando conteúdos correlacionados com o conteúdo proposicional do enunciado. Há ainda gestos de apontar cuja execução pode não coincidir com a verbalização de uma deixis da modalidade linguística, ou coincide apenas com uma deixis linguística que não ativa o mesmo tipo de referência semântica do gesto. Implicitamente, estabelecem uma relação de coesão entre o elemento referido no enunciado e um local no contexto internacional.

Considerando a teoria dos três campos mostrativos de Bühler, podemos dizer que estamos perante uma *deixis ad oculos*, sempre que o alvo

apontado está visível ou invisível por uma questão de distância, designada também por *deixis indicial* (Fonseca 1996). Aqui o contexto compartilhado é o contexto situacional. É um apontar no concreto, como acontece em todos os casos em que a falante aponta e segue a orientação do gesto com o olhar, em que tem a intenção de focar a atenção dos parceiros da interação para um alvo. Muitos gestos de apontar têm uma natureza anafórica, embora também estejam ligados ao contexto. Pelo facto de um alvo já ter sido "apontado" no contexto situacional, nas menções posteriores, os gestos, menos amplos e mais vagos, não são acompanhados pela orientação do olhar da falante para o alvo; predominam aqui os gestos de apontar com o polegar e com a cabeça. Embora apele a um conhecimento compartilhado, esta deixis é realizada no contexto, não podendo pois ser considerada uma deixis *am Phantasma* (*deixis transposta*, Fonseca 1996), pois não indica um alvo situado num plano transposto. Finalmente, nos casos específicos em que a falante aponta para um dos parceiros da interação, poder-se-ia falar de uma *deixis social*, como no caso dos exemplos 8, 9 e 18.

Da descrição de todos estes exemplos, constata-se a complexidade e a multimodalidade da deixis no contexto interacional e confirma-se a estreita relação entre a fala e o gesto. Na minha opinião, é um tema que merece um estudo mais aprofundado, em que se dê conta de questões de polissemia e de sinonímia deste "conjunto de gesto e fala". Por exemplo, faltaram neste *corpus* casos em que os gestos podem desempenhar a função de uma *deixis discursiva textual*. Por exemplo, quando um falante faz um gesto de apontar com o polegar orientado para trás de si, enquanto enuncia a frase "aquilo que disseste há pouco". Aqui, o gesto apontaria para o passado ("há pouco") e para o referente ("aquilo que disseste"). Para investigar mais sobre estas questões, é preciso não só analisar mais *corpora* (e) mais diversificados, mas também explorar mais tipologias da deixis que contemplem situações específicas do contexto interacional.

REFERÊNCIAS

- Auer, P. 1992. Introduction: John Gumperz' approach to contextualization. In: P.Auer & A. Di Luzio (Eds.) *The contextualization of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1-37.

- Butterworth, G. 2003. Pointing is the royal road to language for babies. In: S. Kita (Ed.) *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 9-68.
- Butterworth, B & Hadar, U. 1989. Gesture speech and computational stages: a reply to McNeill. *Psychological Review*, 96, 1, 168-174.
- Bühler, K. 1965 [1934]. *Sprachtheorie*. Stuttgart: G.Fischer Verlag.
- Carvalho, J.G.H. 1983 [1967]. *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*, Volume I, 6ª edição, Coimbra, Coimbra Editora Limitada.
- De Jorio, A. (2000) [1832]. *Gesture in Naples and gesture in Classical Antiquity: A translation of La mimica degli antichi investigate nel gesture napoletano, 1832*. Bloomington: Indiana University Press.
- Duranti, A. & Goodwin, C. (Eds.) 1997. [1992] *Rethinking context. Language as an interactive phenomena*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Efron, D. 1972 [1941]. *Gesture, race and culture*. The Hague: Mouton.
- Ekman, P. & Friesen, W. 1969. The repertoire of nonverbal behaviour: categories, origins, usage and coding. *Semiotica* 1, 1, 49-98.
- Feyerweisen, P. 1987. Gestures and speech, interactions and separations: A reply to McNeill. *Psychological Review* 94, 4, 493-498.
- Fillmore, C. 1975. *Santa Cruz lectures on Deixis 1971*. Bloomington, Indiana University Linguistics Club
- Fonseca, F.I. 1992. *Deixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.
- Fonseca, F. I. 1996. Deixis e pragmática linguística. In: I.H.Faria, E. R. Pedro, I. Duarte & C. Gouveia (Orgs). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 437-445.
- Galhano-Rodrigues, I. 2007. *O corpo e a fala. Sinais verbais e não-verbais na interação face a face*. Lisboa, FCG/FCT.
- Galhano-Rodrigues, I. 1998. *Sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito Editores e Livrários.
- Goldin-Meadow, S. 2003. *Hearing Gesture. How hands help us think*. Harvard, Harvard University Press.
- Gumperz, J. & Hymes, D. 1964. The ethnography of communication. Special issue. *American Anthropologist*, 66, 6Part II.
- Kallmeyer, W. & Schütze, F. 1976. Konversationsanalyse. *Studium Linguistik* 1,1-28.
- Kendon, A. 2004 *Gesture. Visible Action as Utterance*. Cambridge, Cambridge University Press.

- Kendon, A. (no prelo) Kinesic Components of Multimodal Utterances. Paper presented at the 36th Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley, California, February 2009. A publicar em: *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society*, vol. 39.
- Kendon, A. & Versante, L. 2003. Pointing by hand in "Neapolitan". In: S. Kita (Ed.) *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 109-137.
- Kerbrat-Orechioni, C. 1990/1992. *Les interactions verbales*. Vol. I, II. Paris, Armand Colin.
- Kita, S. (Ed.) 2003. *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 307-327.
- Levinson, Stephen C. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: CUP.
- McNeill, D. 1985. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review* 92, 3, 350-371.
- McNeill, D. 1987. So you think gestures are nonverbal! A reply to Feyereisen. *Psychological Review* 94, 4, 499-504.
- McNeill, D. 1992. *Hand and Mind*. Chicago: Chicago University Press.
- McNeill, D. 2003. Pointing and Morality in Chicago. In: S. Kita (Ed.) *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 293-306.
- Núñez, R., & Sweetser, E. 2006. With the Future Behind Them: Convergent Evidence From Aymara Language and Gesture in the Crosslinguistic Comparison of Spatial Construals of Time. *Cognitive Science*, 30(3), 401-450.
- Poggi, I. 2007. *Mind, Hands, Face and Body. A goal and belief view of multimodal communication*. Berlin: Weidler Verlag.
- Pokorny, J. 1959. Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch. In: <http://indo-european.info/pokorny-etymological-dictionary/index.htm> (última consulta: 10.04.2012).
- Sherzer, Joel (1973). Verbal and non-verbal deixis: the pointed lip gesture among the San Blas Cuna. *Language in Society* 2: 117-131.
- Selting, M. & Couper-Kuhlen, E. (Eds.) 2001. *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- Selting, M., Auer, P., Barden, B., Bergman, J., Couper-Kuhlen, E., Günthner, S., Meier, C., Quasthoff, U., Schlobinski, P. & Uhmann, S. 1998 Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT). *Linguistische Berichte* 173, 91-122.
- Vasconcellos, J. L. 1886. *A evolução da Linguagem. Ensaio Antropológico apresentado á escola medica do Porto como dissertação inaugural*. Porto, Typographia Occidental. In: repositório aberto, U.P. <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/16417>,

última consulta: 15 de março de 2012.

Watzlavick, P., Beavin-Bavelas, J. & Jackson, D. 1967. *Pragmatics of Human Communication. A study of Interational Patterns, Pathologies and Paradoxies*. New York: W.W.Norton Co.